

*As Mobilidades
Turísticas como Objeto
de Pesquisa:
Um Panorama dos
Periódicos
Estrangeiros
(2000-2014)*

Jaciel Gustavo Kunz¹

RESUMO

Dada a atualidade do tema <mobilidade> e aliando-o à compreensão contemporânea do Turismo, propôs-se uma pesquisa exploratória, com o objetivo de delinear um panorama da produção de conhecimento em torno do mesmo, entre os anos 2000 e 2014. A pesquisa, de caráter qualitativo, deu-se pela busca em base de dados internacionais, de artigos publicados em periódico, para neles selecionar dados que contribuam para o debate teórico-conceitual. Seis trabalhos foram escolhidos e classificados. Elaborou-se, também, um breve perfil dos quinze autores. Após, foram sintetizadas as principais contribuições de cada trabalho, explicitadas as tendências e afinidades dessas publicações e verificadas convergências nos subtemas abordados. Diante disso, defende-se a pertinência de maior difusão dos conceitos e teorias dos trabalhos elencados e a ampliação do debate acadêmico no que tange às mobilidades turísticas, buscando fazer frente ao descompasso da produção sobre o tema <mobilidade> no Brasil, em relação à de outros países.

Palavras-chave: Turismo. Mobilidades. Estado da arte. Artigos de periódico.

¹ **Jaciel Gustavo Kunz** – Mestre. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande [FURG], Campus Santa Vitória do Palmar, RS. Endereço Lattes <http://lattes.cnpq.br/3082574114190162>
E-mail: jacielkunz@gmail.com

ABSTRACT

The Tourist Mobility as Research Object: An Overview on Journals - 2000-2014 - The theme 'mobility' is very modern and joining it to the comprehension of contemporary tourism, a exploratory research is proposed in this paper. The aim is to outline the knowledge production overview about this object between 2000 and 2014, considering journals' articles, mainly theoretical essays. The present research, which has qualitative approach, was done through a search in an international scientific data-based, observing relevance and extent criterial. Six papers has been chosen and classified. It also drafted a brief profile of the fifteen authors. Then, the main contributions of each paper were conjured up, the tendencies and connections among these papers were explained and convergences in subthemes were checked out as well. Therefore, it is claimed a broader diffusion of the concepts and themes discussed in the papers selected and also the enlargement of scholar debate with regard to tourist nobilities, seeking to deal scientific production in Brazil delay if compared to others.

Keywords: Tourism. Mobilities. State of art. Journal papers.

INTRODUÇÃO

A ascensão da economia globalizada e da conseqüente lógica política neoliberal a ela associada, faz com que a mobilidade de determinados fluxos - de pessoas, de mercadorias, além de financeiros e informacionais - tenda a aumentar. Considere-se, por outra, que no que se refere ao Turismo, este depende da mobilidade; ou, ainda, Turismo é mobilidade, na medida em que pressupõe deslocamento pois, quer na condição de turistas, quer por outros motivos, as pessoas assumem viajar. Há, portanto, movimentos em ato e em potência, que passam a demandar qualificação, em especial no que se refere ao encurtamento dos tempos de deslocamento. Isso tem sido possibilitado pelos avanços tecnológicos, historicamente obtidos via aperfeiçoamento dos distintos modos de transportes, o que permitiu, entre outros, a massificação e globalização do Turismo. Porém, o transporte e a viagem só definem o Turismo de forma parcial (Coriolano & Fernandes, 2012; Grinover, 2009; Prideaux, 1999; Sheller, 2011).

Pondera-se, também, que o transporte vem sendo apontado como uma forma reduzida de estudar as mobilidades, dada a ênfase atribuída aos aspectos visíveis do movimento, como as infraestruturas de transportes, e restringindo-se, ainda, aos deslocamentos físicos. Entretanto, propondo-se tal campo para estudo, não se pode perder de vista as redes de transportes na sua dimensão material e as infraestruturas imóveis, mesmo que. Ressalte-se, ainda, que os transportes e as mobilidades não se encontram tão somente associados a modais e aos movimentos, mas também à política, aos aportes financeiros, às pessoas e ao poder (Shaw & Sidaway, 2010).

Isto posto, destaca-se a definição de mobilidade elaborada por Levy (1999), para quem a mesma é reconhecida como a "relação social ligada à mudança de lugar" (p. 1), sendo, também "individualmente vivida e intersubjetivamente repartida" (p. 4). Portanto, "relações espaciais entre pessoas e lugares [...] situam a acessibilidade e a mobilidade no núcleo da

interação humana” (Shaw & Sidaway, 2010, p. 515). Nesse contexto inserem-se as mobilidades turísticas contemporâneas, as quais “movem-se em velocidade rápida e ainda desigual, cruzando muitas fronteiras” (Sheller & Urry, 2007, p. 6)², significando que “o tema mobilidade turística é polêmico e atual, envolve[ndo] o direito de ir e vir [...]” (Coriolano & Fernandes, 2012, p. 1).

As mobilidades, apontadas como *paradigma*, podem ser incorporadas ao estudo do Turismo, tendo sido apontadas em termos de uma relevante e promissora agenda de pesquisa para a área. Ao adotar-se essa nova abordagem, transcende-se o estudo dos fluxos turísticos por meio unicamente dos sistemas de transporte, por vezes restritivo. As pessoas deslocam-se por diferentes motivos, os turistas e os migrantes sendo apenas uma de suas facetas: o movimento prevalece em relação ao repouso, tornando-se, praticamente, uma regra. Além disso, há que se considerar que sem mobilidade não há Turismo, característica distinta dos lazeres praticados no âmbito das residências, justificando-se, desse modo, explorar a temática a fim de contribuir para com a pesquisa contemporânea, na área. (Cohen & Cohen, 2012; Sheller, 2007; Kunz, Pimentel & Tosta, 2014; Santos, 2002; Coriolano & Fernandes, 2012).

Em detrimento dessa destacada relevância da temática, há escassa publicação de trabalhos teórico-conceituais referentes ao assunto, no país. No *site* Publicações de Turismo³ foram encontrados apenas dois trabalhos contendo, em qualquer campo, o termo <mobilidade>, o primeiro de autoria de Cheibub e, o segundo, de Allis. Cheibub (2014) realiza uma breve análise do filme *Up in the air*, debatendo o significado que as mobilidades adquirem para as redes de sociabilidades contemporâneas. Já Allis (2013) realiza uma resenha crítica da obra *Transportes e destinos turísticos: planejamento e gestão*, organizada por Lohmann, Fraga e Castro (2013). Para este autor, “entender os transportes no bojo das mobilidades e dos deslocamentos – incluindo os turísticos! – não é um enfoque recorrente nos estudos de transporte” (Allis, 2013, p.665), ao que procura fazer frente.

O Diretório de Grupos de Pesquisa⁴ do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico [CNPq] também foi alvo de busca, a fim de verificar a existência de grupos e ou linhas de pesquisa voltadas às mobilidades turísticas. Inserindo-se <mobilidades> no campo de busca por grupos certificados, encontraram-se 23 registros. Apenas um dos grupos listados pertence à área de Turismo, sendo esse, não por acaso, o único a dialogar mais diretamente com o tema das mobilidades turísticas. Trata-se do Grupo de Pesquisa Mobilidades, Cultura e Poder, do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, coordenado pelos professores Miriane Frossard e Sando Neves. Das três linhas que o constituem, destacar-se-ia a de Representações, Território e Deslocamento, da qual fazem parte os dois pesquisadores.

² Todas as citações diretas extraídas de obras escritas em língua estrangeira sofreram tradução livre do autor.

³ Publicações de Turismo é uma base de dados de livros e artigos de periódicos científicos da área de Turismo. Há 1.700 livros e 30 periódicos indexados (Recuperado de www.publicacoesdeturismo.com.br, em 10 maio de 2015).

⁴ O Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq também é uma base de dados, encontrando-se ali cadastrados mais de 27.000 grupos, de acordo com dados de 2010. As informações cadastradas dizem respeito às equipes de pesquisadores em atuação, às linhas de pesquisa em andamento bem como à produção técnico-científica decorrente (Recuperado de www.lattes.cnpq.br/web/dgp, em 10 maio de 2015).

Realizando-se busca pelo termo <mobilidades> no Banco de Teses⁵ da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [Capes], nenhum dos trinta e nove trabalhos resultantes aborda, de maneira explícita, as mobilidades turísticas, quer em seus títulos, resumos ou palavras-chave. Contudo, há que se mencionar capítulo de livro versando sobre experiências de mobilidade turística no espaço urbano do já mencionado Allis (2010). O referido autor discorre sobre as materialidades ou condições físicas e os elementos simbólicos que envolvem a percepção dos espaços públicos da cidade, abarcando, entre outros aspectos, as vias e os veículos destinados ao transporte cotidiano e/ou turístico.

Dado o exposto, cabe percorrer os artigos em periódicos indexados nas chamadas bases de dados consultadas. Os artigos de periódicos são, em geral, responsáveis por divulgar os resultados das pesquisas científicas mais recentes, neles predominando o uso do idioma inglês, embora produzidos por autores de diversas nacionalidades. Isto posto, explicita-se o objetivo deste trabalho, que é o de responder à seguinte pergunta: qual o atual panorama das pesquisas científicas em torno das mobilidades turísticas, tendo em conta a publicação de artigos sobretudo do tipo ensaio teórico, em periódicos indexados nas principais bases dados em nível mundial? Como objetivos específicos estipularam-se: identificar o perfil acadêmico dos principais autores que se debruçam sobre o tema e sintetizar as principais contribuições e convergências e teórico-conceituais das obras elencadas.

Anterior ao detalhamento dos procedimentos metodológicos empregados interpõe-se o delineamento do referencial teórico deste trabalho, apresentado a seguir.

REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de <mobilidade> apresenta-se como polissêmico. Para Coriolano e Fernandes (2012), “mobilidade significa facilidade para mover, para ser movido” (p.1). Um aspecto da mobilidade que tem estado em relevo é a mobilidade urbana, a qual reflete “a capacidades das pessoas em obterem acesso físico ao espaço da cidade e aos seus equipamentos urbanos [...]” (Cocco, 2011, p.614). Ainda no contexto urbano, a mobilidade para portadores de necessidades especiais – que se não esgota nos cadeirantes – tem suscitado discussões em torno das intervenções urbanístico-arquitetônicas com vistas à inclusão social desse grupo com mobilidade reduzida. Outro enfoque volta-se às questões relacionadas à mobilidade do capital e da força de trabalho; tendo sua origem na Economia Política, implica considerar que, no contexto capitalista, as mobilidades são geralmente ‘arrastadas’ pela mobilidade do capital (Cocco, 2011, pp. 614-615).

Já para a Sociologia, é comumente vinculada com a mobilidade entre classes e ou grupos sociais. “A mobilidade [atualmente] galga o mais alto nível dentre os valores cobiçados – e a liberdade de movimentos, uma mercadoria [contudo] sempre escassa e distribuída de forma desigual [...]” (Bauman, 1999, p.6), sendo um sinalizador e, até mesmo, reforçador das desigualdades sociais. A distância, compreendida como produto social, é relativizada ao ser

⁵ Teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação credenciados vêm sendo indexadas nessa base dados desde 1987. Não é possível, contudo, o acesso ao texto completo por meio desse banco de dados. Porém, está em curso sua atualização dos dados sobre os trabalhos, de modo que apenas os defendidos em 2011 e 2012 encontram-se cadastrados em sua totalidade (Recuperado de www.periodicos.capes.gov.br, em 10 maio de 2015).

associada a fatores como poder aquisitivo, poder político, acesso tecnológico ou, ainda, o ponto do globo no qual se está, se periférico ou central: “Alguns podem agora mover-se para fora da localidade – qualquer localidade – quando quiserem. Outros observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés.” (Bauman, 1999, p. 25). Considera-se, porém, que, independentemente da classe social a que se pertença, “todos nós estamos [por razões distintas], a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente imóveis: a mobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança” (Idem, p.8).

O movimento é crescente, porém não incontido: fronteiras, polícia e seguranças filtram os ‘verdadeiros’ turistas na transposição de limites nacionais (Sheller & Urry, 2007). Porém, tais pausas no movimento – o qual é aparentemente incessante e irrestrito –, se dão de forma desigual ao considerarmos as fronteiras dos blocos econômicos que determinados países que formam, a exemplo da União Europeia, cujas fronteiras que têm sido reconfiguradas, mas não propriamente abolidas (Cohen & Cohen, 2012). Tal mobilidade, que corresponde à crescente rapidez do fluxo físico de pessoas – turistas e migrantes –, levantou também questões como a da ‘morte da distância’, ocasionada, em grande medida pelas “tecnologias da informação [que] parecem suprimir, cada dia mais, os obstáculos ligados ao espaço e ao tempo” (Augé, 2010, p. 20), e à chamada ‘modernidade líquida’. (Bauman, 2001). Diante disso, “o turismo é visto como uma parte ou sub-conjunto de um vasto e heterogêneo complexo de mobilidades globais [...]” (Cohen & Cohen, 2012, p. 2181). Mas, no ponto de vista de Hannam *et al* (2014), o Turismo não se constitui somente como um tipo distinto de mobilidade, pois consideram que diferentes mobilidades encontram-se nele imbricadas, e vice-versa.

Tem-se reconhecido que “a abordagem das mobilidades turísticas é útil para compreender a importância da pesquisa em Turismo no mundo contemporâneo” (Hannam, Butler & Paris, 2014, p. 173); e, dada a complexidade e abrangência do objeto, distintas disciplinas tem se lançado ao seu estudo. Sheller (2011) destaca a Geografia, a Sociologia, a Antropologia e os estudos de mídia, os quais, por meio de conceitos, teorias e metodologias próprias de cada disciplina, têm contribuído com o paulatino avanço na compreensão do fenômeno <mobilidade>. O termo <mobilidades> (no plural) tem sido empregado para designar um *paradigma* em consolidação no âmbito dos estudos do Turismo, mas não somente. Os estudos migratórios oriundos da área da Demografia também têm se pautado por tal abordagem, apenas para citar um exemplo. John Urry tem sido apontado como o principal proponente desse *paradigma*. (Sheller, 2007; Cohen & Cohen, 2012).

As mobilidades turísticas pressupõem o rompimento da dicotomia das pessoas em movimento (fluxos) em busca do destino (fixos). Faz menos sentido presumir lugares e culturas (visitados) como relativamente fixas. As atividades turísticas não se encontram tão separadas dos lugares visitados (destinos). Além disso, sobrepõem-se o Turismo e outras formas de viagens a negócios e até mesmo movimentos migratórios. Turismo não é ‘pura’ atividade de lazer, outra concepção posta em xeque pelo ‘paradigma das mobilidades’ (Sheller & Urry, 2007; Cohen & Cohen, 2012). Há que se descentrar os estudos turísticos do turista para alcançar também a investigação das redes e sistemas que comumente (re)produzem lugares para a *performance* das mobilidades. Tanto anfitriões quanto hóspedes, por meio do Turismo, estão envolvidos em múltiplas *performances* à medida que “seus corpos movem-se através de locais de moradia, *lounges* de aeroportos, praias, bares, restaurantes, cidades, ou museus, e conforme eles se comunicam entre si via gestos corporais, [...] tradutores, telefones, conexões de internet [...]” (Sheller & Urry, 2007, p. 7). Há lugares que vão ‘com o fluxo’; outros, porém, dotados de fixidez espacial são, além disso, constituídos por formas e funcionalizações estáticas, o que é

exemplificado por uma ainda insatisfatória infraestrutura composta por hotéis fora de moda e antiquados sistemas de transporte, e assim por diante (Sheller & Urry, 2007).

Há que se pontuar que os lugares consistem-se de movimento e, também, de materialidades. Desse modo, “os sistemas de mobilidade só contingencialmente fixam lugares ao ajustarem-se para o jogo [das mobilidades]” (Sheller & Urry, 2007, p.6). Lugares são, desse modo, montados em configurações imprevisíveis e temporárias. Os lugares, sob essa perspectiva, não são fixos, tampouco dados. Do contrário, eles próprios são postos em questão, ao se relacionarem com múltiplas mobilidades. Não só as pessoas (turistas) viajam: os lugares em si também o fazem, (re)criando-se como lugares de movimento e em movimento, aproximando-se da noção de não lugares.

METODOLOGIA E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Optou-se pela base de dados Science Direct⁶, disponibilizado Portal de Periódico da Capes, cujo acesso é disponibilizado pela Universidade-sede do projeto, para consulta e *download* de trabalhos publicados por periódicos em nível global. A busca foi realizada em fevereiro de 2014. Inseriram-se no campo da pesquisa geral os termos <tourism mobilities> [turismo/mobilidades], refinam-se por publicações do ano 2000 em diante. Foram observados os títulos, resumos e palavras-chave das 100 primeiras publicações (10 páginas de resultados). A ordem dos trabalhos se dava pela relevância conferida pela própria base de dados. Optou-se por artigos que tratassem diretamente do tema <mobilidades turísticas>, evitando-se trabalhos que abordassem um aspecto único ou tão somente um subtema, como, por exemplo, sustentabilidade ambiental de transportes turísticos. A busca visou publicações que tratassem o tema de forma abrangente, não meramente sob o prisma técnico ou tecnológico, tampouco que apresentassem análise quantitativa (como, por exemplo, no caso de Engenharia de Infraestruturas de Transportes). Desse modo, os trabalhos selecionados de acordo com os critérios da pesquisa do estado da arte sobre mobilidades turísticas, foram em número de seis, destacando os periódicos *Annals of Tourism Research* e *Tourism Management*, cujos dados encontram-se dispostos no Quadro 1.

⁶ Uma das principais bases de dados de textos completos. Oferece artigos de capítulos de livros de aproximadamente 2.500 periódicos e 26.000 livros. Marca registrada da Elsevier.® Recuperado de www.sciencedirect.com, em 10 de maio de 2015.

Quadro 1 – Artigos sobre mobilidades turísticas selecionados

Dados específicos sobre os artigos						Dados sobre os autores			
Título do trabalho	Palavras-chave	Periódico		Ano de publicação	Volume	Número	Nome do(s) autor(es)	País das instituições dos autores ⁷	Formação dos autores (graduação)
		Nome	Fator de impacto						
Desenvolvimentos e questões-chave em mobilidades do turismo	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilidades do turismo • Materialidades • Carro • Novas tecnologias • Metodologias 	<i>Annals of Tourism Research</i>	3,216	2014	44	1	Kevin Hannam	Inglaterra/ África do Sul	Geografia
							Gareth Butler	Austrália/ África do Sul	Geografia
							Cody Paris	Emirados Árabes/ África do sul	Ciência Política
Turismo e mobilidade humana e arquipélagos espanhóis	<ul style="list-style-type: none"> • Fordismo • Pós-fordismo • Fluxos de mobilidade • Turistas-residentes • Trabalhadores migrantes 	<i>Annals of Tourism Research</i>	3,216	2011	38	2	Josefina Domínguez-Mujica	Espanha	Geografia
							Jesús González-Pérez		
							Juan Parreño-Castellano		
Decifrando turismo e cidadania em um mundo globalizado	<ul style="list-style-type: none"> • Turismo • Liberdade de movimento • Direito à viagem • Cidadania 	<i>Tourism Management</i>	3,382	2013	39	1	Rauol Bianchi	Inglaterra	Sociologia e Serviço Social
							Marcus Stephenson	Emirados Árabes	Política e Relações Internacionais
Questões e teorias sociológicas vigentes em Turismo	<ul style="list-style-type: none"> • Tendências sociais • Autenticidade • Mobilidades • “Performatividade” • Teoria do ator-rede • Questões atuais 	<i>Annals of Tourism Research</i>	3,216	2012	39	4	Erik Cohen	Israel	Filosofia e Sociologia
							Scott Cohen	Inglaterra	Biologia
Progressos na <i>Tourism Management</i> : da geografia do turismo às geografias do turismo – uma revisão	<ul style="list-style-type: none"> • Geografia • Espaço • Lugar • Meio ambiente • Mobilidades 	<i>Tourism Management</i>	3,382	2009	30	1	Colin Hall	Nova Zelândia/ Finlândia	Geografia
							Stephen Page	Escócia	
Redes e turismo: vida social móvel	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilidade • Redes de sociabilidade • Proximidade • Obrigações • Visitas 	<i>Annals of Tourism Research</i>	3,216	2007	34	1	Jonas Larsen	Dinamarca	Geografia
							John Urry	Inglaterra	Sociologia
							Kay Axhausen	Suíça	Engenharia Civil

Fonte: Elaboração própria do autor (2015).

⁷ Segundo informado no artigo pesquisado. Considera-se, em primeiro lugar, a lotação permanente e, posteriormente, o país de atuação como colaborador.

Por meio do Quadro 1, evidencia-se que o artigo de Hannam *et al* (2014) adquire centralidade dentre as publicações que versam sobre mobilidades turísticas. Há que se acrescentar o fato de ser esse o primeiro artigo da lista. A relevância atribuída por meio da base de dados é de fato corroborada adiante, quando são explicitadas as principais contribuições teórico-conceituais de cada trabalho selecionado.

As palavras-chave de todos os trabalhos foram elencadas no intuito de evidenciar o percurso temático e teórico dos autores na sua elaboração e das possíveis hierarquias atribuída por eles. Nesse sentido, novamente o trabalho de Hannam *et al* (2014) é posto em relevo, uma vez que a primeira palavra-chave é <mobilidades do turismo>. Em outros trabalhos, como o de Domínguez-Mujica *et al* (2011), a mobilidade aparece de forma intermediária. Já em trabalhos como o de Hall e Page (2009), as mobilidades compõem um debate mais amplo. No caso do artigo de Larsen *et al* (2007), a mobilidade é a primeira palavra-chave, porém, o fato de não estar acompanhada de ‘turismo’ ou ‘turística’, é indicativo da abordagem do fenômeno mobilidade de forma mais amplificada e generalizada. Tal particularidade é rediscutida na seção seguinte. A diversidade de palavras-chave dá conta da pluralidade com que as mobilidades turísticas são abordadas nos trabalhos, cada qual explorando distintas possibilidades de tratamento teórico e empírico ao tema.

Os dois periódicos nos quais foram localizados os seis trabalhos sobre mobilidades turísticas são da área do Turismo, o que evidenciado até mesmo pelo título: *Annals of Tourism Research*⁸ e *Tourism Management*. Esses *journals* têm sido apontados, no Brasil e fora dele, como os mais importantes periódicos para a divulgação científica em Turismo, de acordo, inclusive, com seu fator impacto, os mais consideráveis para a Área. Atualmente, os periódicos possuem fatores de impacto semelhantes. O recorte temporal da busca era de 15 anos (2000-2014). Porém, os seis artigos selecionados foram publicados nos últimos oito anos (2007-2014). Quatro dos seis trabalhos foram publicados nos últimos quatro anos (2011-2014), demonstrando o quão recentemente o tema tornou-se objeto de ensaios teóricos publicados em periódicos. Conforme o Quadro 1, o primeiro deles é de autoria de Larsen *et al* (2007); posteriormente, o de Hall e Page (2009); após, o de Domínguez-Mujica *et al* (2011); em seguida, o de Cohen e Cohen (2012); o de Bianchi e Stephenson (2013) foi publicado um ano depois e, por último, o de Hannam *et al* (2014), publicado no ano passado.

Há diversidade de países onde os autores atuam academicamente (são onze), com predominância dos países europeus (como Dinamarca, Finlândia e Suíça), alguns dos quais o idioma oficial é o inglês (Inglaterra e Escócia, além de Austrália e Nova Zelândia, da Oceania), ainda conforme Quadro 1. O Oriente Médio esteve representado pelos Emirados Árabes Unidos (dois trabalhos) e por Israel. Apenas um país de língua latina originou trabalho: a Espanha. As Américas não estiveram representadas, embora se saiba que nos Estados Unidos atue a cientista social Mimi Sheller, que já publicou em coautoria com John Urry (exemplo, Sheller & Urry, 2007). Destacam-se recorrentes casos de coautoria interinstitucional. Além disso, a filiação acadêmica em colaboração com universidades de distintos países e continentes aponta para a tendência de internacionalização da produção e difusão dos resultados de pesquisa em Turismo. A única exceção foi o trabalho de Domínguez-Mujica *et al*,

⁸ O periódico, em 2012, recebeu o estrato A1 da Qualis Capes (o mais alto), porém, para a área Interdisciplinar, não sendo, na ocasião, avaliado pela área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo.

oriundo da Espanha, cujos autores pertencem a universidades do mesmo país. Nenhum trabalho foi escrito sem que houvesse coautores.

Os autores, todos doutores, possuem formações acadêmicas diversas, em nível de graduação. Sete dos 15 autores elencados são da Geografia. Outros destaques ficam por conta da Sociologia (dois autores) e dos Estudos Políticos/Ciência Política (dois autores). Observa-se, pois, o hibridismo disciplinar envolvido, o que é próprio do campo do Turismo e, também, do estudo das mobilidades turísticas, corroborando as considerações de Sheller (2011), que apontou diferentes disciplinas envolvidas na investigação do fenômeno.

Observou-se a citação de uma ou mais obras de autoria de John Urry em todos os trabalhos, quer estivessem sob o enfoque sociológico, quer estivessem sendo relacionadas ao Turismo, embora não se tenha empreendido busca minuciosa a esse respeito. O livro *Tourism mobilities: places to play, places in play* (Sheller & Urry, 2007) é referenciado por dois trabalhos: Hannam *et al* (2014) e Cohen & Cohen (2012). Embora todos façam menção, em maior ou menor medida, às novas abordagens de mobilidade turística, três trabalhos abordam as mobilidades em termos de um ‘paradigma’: Hall e Page (2009), Domínguez-Mujica *et al* (2011) e em Cohen e Cohen (2012), o que já aparece em outras fontes, como, por exemplo, Sheller (2011).

SÍNTESE DAS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS

A análise empreendida dá conta de alguns aspectos que merecem destaque, a começar pelos diferentes prismas por meio dos quais as mobilidades turísticas são estudadas e contextualizadas. O trabalho de Hannam *et al* (2014) menciona o paradigma das mobilidades e propõe abordagem por meio de três categorias. A primeira delas, as novas tecnologias de informação e comunicação, diz respeito a tudo aquilo que, no contexto das mobilidades, permite às pessoas movimentarem-se pelo espaço virtual, sem a presença de uma viagem corpórea. Porém, dada a extensão de tais mudanças nas dinâmicas social e econômica contemporâneas, as novas tecnologias perpassam outros aspectos centrais das mobilidades. Por consequência, desde que as novas tecnologias se consolidaram e foram incorporadas à viagem corpórea, o contexto do cotidiano e o das férias fluidificou-se, aspecto já comentado anteriormente (Hannam *et al*, 2014; Cohen & Cohen, 2012). Hannam *et al* (2014) abordam como questões-chave das mobilidades, além das novas tecnologias, as materialidades que diriam respeito a todo o objeto material cujo deslocamento é motivado e ou acompanhado pelo movimento de turistas, como os souvenirs, por exemplo. Porém, a proposição dessa categoria não é aprofundada pelos autores tal qual a seguinte: a automobilidade.

A automobilidade refere-se à realização simultânea da autonomia e da mobilidade, permitidas pelo veículo automotor. O carro seria um ‘avatar’ da mobilidade e símbolo do movimento, de um ponto de vista ocidental. Proporciona confiabilidade e flexibilidade. O carro permite que se chegue a lugares aonde o transporte público não chega, garantindo, a motoristas e passageiros, escapismo, anonimato e solidão (Hannam *et al*, 2014). Porém, não é tão fácil possuir um carro. Os proprietários de veículos estão sujeitos a leis e normas específicas, além de terem de providenciar manutenção e abastecimento de seus carros, bem como pagar impostos. Somado a isso, o automóvel necessita de uma via artificial para transitar. Há aspectos de imobilidade vinculados a tal mobilidade autônoma, aparentemente desimpedida: vigilância de velocidade por câmeras, pedágios e os encargos de estacionamento, sem contar

na iminência dos congestionamentos. Os sentimentos de liberdade associados ao automóvel são, por vezes, substituídos pelos ligados à apatia e irritação. Ainda, Hannam *et al* (2014) categorizam as mobilidades em de 'larga escala' e de 'curta escala'. Enquanto as de curta escala referem-se, basicamente, à mobilidade urbana, as de larga escala referem-se ao turismo internacional e aos movimentos transfronteiriços não cotidianos.

Nem todos os trabalhos inserem as mobilidades turísticas como centrais ao debate, tampouco as colocam como tema predominante, o que é explicado pelos propósitos de cada um deles. Cohen e Cohen (2012) discutem, conforme o próprio título sugere, as questões e teorias sociológicas contemporâneas que têm envolvido a pesquisa científica em Turismo. Nesse sentido, às mobilidades turísticas é atribuído o *status* de tópico emergente, assim como ocorre em relação à autenticidade, às *performances* e à teoria do ator-rede. Cohen & Cohen (2012) sustentam, ainda, que as mobilidades implicitamente contribuem para desestabilizar determinadas dicotomias incorporadas ao Turismo, algumas das quais já controvertidas. Segundas residências, mobilidade laboral e novos nomadismos – praticados por pessoas sem lugar fixo e, ainda, as diásporas, com destaque para as das minorias – também se constituem em situações que evidenciam a temática. O trabalho em questão contribui para a atualização dos estudiosos do Turismo em termos das teorias sociológicas vigentes e alcança certo cunho de reflexão epistemológica, o que também ocorre como trabalho de Hall e Page (2009).

Hall e Page (2009) procuram realizar uma revisão dos trabalhos oriundos da Geografia – ou de autores geógrafos – de maior repercussão na área do Turismo, no intuito de demonstrar como a primeira tem contribuído com o impulso da segunda ao longo das quatro últimas décadas. Além disso, intentam demonstrar como algumas questões e temas do Turismo, outrora estudados com o pioneirismo de geógrafos, atualmente vêm sendo tratadas de forma multi, inter e transdisciplinar. Ainda, mencionam as mobilidades vinculando-as a novas teorias sociológicas, como a 'nova física social', que teria sido formulada por John Urry (Hall & Page, 2009). Assim como Sheller (2011), Hall e Page (2009) retomam o tema, considerando que atualmente se assiste a uma enorme e crescente mobilidade empreendida por indivíduos, os quais não precisam necessariamente categorizados como turistas. Abordam, também, as ações recíprocas entre turistas e migrantes, o que também é apontado por outros autores (Hall & Page, 2009; Sheller, 2011).

Baseados em outros pesquisadores, Hall e Page (2009) declaram que “a conexão entre estudos de turismo e os de transporte é realmente e surpreendentemente fraca em comparação à vasta quantidade de pesquisas empreendidas em geografia dos transportes com respeito ao movimento humano” (p.6), corroborando a visão de Sheller (2011). Sustentam, igualmente, que os estudos turísticos realizados por geógrafos ou por aqueles que se valem de conceitos-chave da Geografia têm se pluralizado de modo considerável. Desde a década de 1970, ter-se-ia passado da geografia do turismo – centrada na investigação da distribuição espacial dos fluxos turísticos, o que soa subdisciplinar –, para uma pluralidade de geografias do turismo. Passar-se-ia a abarcar problemáticas as mais diversas, desde o planejamento e gestão do Turismo, passando pelos estudos de paisagem e geografia cultural, alcançando, dentre outros aspectos, as mobilidades turísticas, de modo a acompanhar a própria evolução da sociedade e da tendência de hibridização disciplinar.

No trabalho de Bianchi e Stephenson (2013), em contrapartida, a mobilidade é tratada como variável interveniente no exercício da cidadania e do direito à viagem na era da globalização e

de crescente cosmopolitismo. Tal abordagem conferida pelos autores aproxima-os da visão de autores da Sociologia já parafraseados neste trabalho, como Bauman (1999, 2001) ou até mesmo da Antropologia, como Augé (2010). O tratamento dado por Bianchi e Stephenson (2013) à questão das mobilidades é diferenciado dos demais autores elencados no Quadro 1. Para eles, determinados atores do turismo podem impedir ou prejudicar a liberdade de movimento das comunidades receptoras, assim como ‘cercar’ determinados bens e/ou equipamentos públicos, tais como orlas, monumentos sacros e áreas naturais.

Outro aspecto que diz respeito à cidadania em tempos de globalização trata da transposição de fronteiras nacionais. Bianchi e Stephenson (2013) falam em ‘criminalização’ das viagens, ou melhor, no fato de haver viajantes que, oriundos de determinadas nações, são comumente associados ao risco e à ilegalidade. Para os autores, os Estados nacionais, historicamente, tendem a restringir a mobilidade. Atualmente, porém, não é o que se verifica de forma homogênea. Enquanto algumas fronteiras são relativamente fáceis de serem transpostas – como as fronteiras internas da União Europeia – em outras os procedimentos para entrada (como obtenção de visto) são rígidos.

Domínguez-Mujica *et al* (2011), por seu turno, a partir de referenciais da Geografia, empreendem análise territorial de fluxos por meio da qual relacionam conjuntamente as variáveis migração laboral, desenvolvimento turístico massivo e a implantação de segundas-residências, o que não ocorre comumente. O primeiro e o terceiro elementos também foram mencionados por Cohen e Cohen (2012). Os padrões de mobilidade humana, sustentam, decorrem de distintos modelos de acumulação capitalista, com destaque para as transformações produtivas ocorridas por conta do pós-fordismo, que atualmente predominam, indo ao encontro que preconizam outros autores oriundos da Geografia, como Cocco (2011). Ainda, Domínguez-Mujica *et al* (2011) contextualizam as transformações produtivas – locais, nacionais e globais – ao longo das últimas quatro décadas em termos de distintas tipologias e tamanhos da oferta turística dos arquipélagos espanhóis estudados a partir de dados secundários. Eles identificam fases em que ora a força de trabalho predominante origina-se de uma região ou continente, ora outra; ora um tipo de acomodação prevalece, ora outra; ou, ainda, ora um modelo de empreendedorismo é vigente, ora outro, com claros reflexos nos padrões de mobilidade humana (migração, turismo e segundas-residências). Tais mudanças exigem a adaptação constante, inclusive, dos modelos de negócio e das normas de ocupação e uso do território, o que nem sempre seria sanado satisfatoriamente por meio de técnicas gerenciais empresariais, se tomadas isoladamente.

O artigo de autoria de Larsen *et al* (2007), por fim, rediscute e problematiza outras dicotomias em rompimento, como presença e ausência, proximidade e distância, ou, ainda, mobilidade voluntária e desejável e mobilidade obrigatória, dependendo do grupo social ou do contexto sócio-histórico-cultural de referência. Tal dilema também foi controvertido por Hannam *et al* (2014). Em que pesem os avanços nas tecnologias da informação e da comunicação – que permitiriam reduzir-se o número de viagens a negócio, por exemplo –, a necessidade de estar-juntos, propiciado pela viagem corpórea, persiste e é inclusive reforçada, uma vez que as redes de sociabilidade têm-se globalizado. Há determinadas mobilidades ligadas a obrigações, quais sejam, legais, familiares, sociais, religiosas, de tempo e de lugar (Larsen *et al*, 2007). Portanto, a viagem é por vezes desejável e por vezes mandatária (Hannam *et al*, 2014).

A vida social conduzida à distância “requer momentos de encontro físico” (Urry, 2002, p. 258). Ante o exposto, “viajar, visitar e hospedar são necessários à [essa] vida social conduzida a distância” (Larsen *et al*, 2007, p. 244), com reflexos no turismo global, que (ainda) tem nas visitas e encontros com amigos e parentes uma de suas principais motivações, por vezes combinadas a outras. Tal ‘estar-juntos’ é expresso por meio do vocábulo ‘co-presença’, que também fora proposto em *Mobility and Proximity* (Urry, 2002). As pessoas desejam conhecer lugares, confrontando-se com eles diretamente. Haveria, assim, três bases para a co-presença que ocorrem de forma intermitente: pessoa a pessoa [*face-to-face*], pessoa a lugar [*face-the-place*] e pessoa a evento [*face-the-moment*] (Larsen *et al*, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de literatura realizada a partir dos recortes necessários e propostos para viabilização da pesquisa coloca-nos em contato com pesquisadores que, no período recente, vêm se dedicando à teorização das mobilidades turísticas. Detecta-se a pluralidade das abordagens teóricas e dos [sub]temas com os quais se relacionam essas mobilidades, o que é reflexo, em parte, da área de origem dos autores. Em alguns trabalhos observa-se maior hibridização disciplinar do que em outros. Porém, considera-se que todos os trabalhos contribuem sobremaneira para a compreensão do tema em questão, a partir das categorias e das teorias que os orientaram. Somado a isso, evidenciou-se certo *gap* existente entre a produção científica encontrada nos periódicos internacionais e a produção oriunda de autores e pesquisadores brasileiros. Não se pode deixar de notar, contudo, que alguns pesquisadores, como Allis (2010; 2013) e Cheibub (2014), valendo-se de referenciais de alguns dos autores estrangeiros elencados, têm podido avançar na discussão, contextualizando-a para a realidade brasileira, o que se faz necessário.

O conhecimento produzido cientificamente é datado, recebendo influências conjunturais das regiões onde é produzido, sem contar a atuação do sujeito-pesquisador, que também pode influenciar, mesmo que a retórica da neutralidade na ciência se faça por vezes presente. Sem desconsiderar o rigor teórico e metodológico, bem como a relevância dos resultados divulgados por meio dos artigos encontrados [pelo contrário], pode-se questionar até que ponto as teorizações que dali emerge – e, até mesmo, o próprio conceito de mobilidades turísticas – é plenamente condizente com a realidade social, cultural, política e econômica do Brasil e da América Latina, por exemplo.

Se, por um lado, é premente avançar na internacionalização da pesquisa brasileira, incluindo a utilização e publicação, por parte dos pesquisadores brasileiros, de maior número de artigos de periódicos estrangeiros, em geral ditos ‘internacionais’ – o que ocorre por intermédio da língua inglesa – por outro lado, é necessário se ter presente que tal condição é necessária, porém não suficiente. Diferentes autores estrangeiros, incluindo os listados por este trabalho, oferecem contribuições para o avanço do conhecimento em diversas áreas, incluindo a temática das mobilidades turísticas. Porém, há que se elaborarem referenciais próprios, cujas condições de produção aproximem-se do ponto de vista dos países ‘em desenvolvimento’.

Torna-se também notório que as mobilidades turísticas ampliam a discussão em torno dos deslocamentos turísticos, sem desconsiderar as contribuições teórico-técnicas da área de Transportes [até então predominantes], mas sim as incorporando e, ao mesmo, as redimensionando. O fenômeno das mobilidades – incluindo as turísticas – pode exercer papel relevante na compreensão do mundo em que se vive, na medida em que esse fenômeno conjuga variáveis diversas e próprias da contemporaneidade, tais como automobilidades, tecnologias da informação e comunicação, novos nomadismos, migrações laborais, globalização econômica, hibridismos culturais, redes de sociabilidade a distância, etc.

Em termos gerenciais, destaca-se que os lugares que se orientam pelo e para o fluxo ou, em outras palavras, que permitem a *performance* da mobilidade, tendem a se reverter em destinos competitivos e de ciclo de vida duradouro. Tal constatação é, pois, importante para os planejamentos público e privado de/em destinações turísticas, o que inclui o *marketing*, a comunicação e as relações públicas desses ‘lugares’ e, possivelmente, a intervenção física e em termos do *design* dos espaços urbanos. Como pauta para novas pesquisas, sugere-se ampliar a busca e sistematização de artigos de periódicos para outras bases de dados de alcance global, bem como para aquelas divulguem os trabalhos escritos em outros idiomas que não o inglês. Livros e capítulos de livros sobre o assunto também não foram utilizados como um todo. Além disso, anais de eventos científicos brasileiros, da área de Turismo ou afins não foram consultados, o que também pode vir a definir novos recortes de pesquisa. As pesquisas sugeridas podem vir a consistir em estudos bibliométricos ou, a exemplo desta, constituir-se em pesquisa de cunho exploratório e caráter qualitativo. Somado a isso, pode-se investigar as tendências metodológicas na produção do conhecimento em mobilidades turísticas ou, ainda, abarcar especificamente as pesquisas empíricas, sua amplitude e suas limitações.

REFERÊNCIAS

Allis, T. (2010). Experiências de mobilidade turística no espaço urbano. In Panosso Netto, A. & Gaeta, C. (Orgs.). *Turismo de experiência*. São Paulo: Senac SP, pp.300-320.

Allis, T. (2013). No caminho das mobilidades turísticas. *Rosa dos Ventos* V.5 (4), pp.663-668.

Augé, M. (2010). *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: Edufal/Unesp.

Bauman, Z. (1999). *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bianchi, R. V., & Stephenson, M. L. (2013). Deciphering tourism and citizenship in a globalized world. *Tourism Management*, V.39(1), pp. 10-20.

Cheibub, B. (2014). Mobilidades, espaços e relações sociais: uma breve análise do filme *Up in the air*. *Cultur* V.8(1), pp. 196-210.

- Cocco, R. (2011). Verbete Mobilidade. In Silveira, M. R. (Org.). *Circulação, transportes e logística: diferentes perspectivas*. São Paulo: Outras Expressões, pp. 614-615.
- Cohen, E., & Cohen, S. A. (2012). Current sociological issues and theories in tourism. *Annals of Tourism Research*, V.39(4), pp.2177-2202.
- Coriolano, L. N., & Fernandes, L. M. (2012). Migração temporária e mobilidade sazonal no turismo. *Anais... Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, São Paulo, SP.
- Domínguez-Mujica, J., González-Pérez, J. & Parreño-Castellano, J. (2011). Tourism and human mobility in spanish archipelagos. *Annals of Tourism Research*, V.38(2), pp. 586-606.
- Grinover, L. (2009). Hospitalidade urbana: mobilidade e acessibilidade. *Anais... Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, Belo Horizonte, MG.
- Hall, C., & Page, S. Progress in Tourism Management: from geography of tourism to geographies of tourism – a review. *Tourism Management*, V.30(1), pp. 3-16.
- Hannam, K., Butler, G., & Paris, C. M. (2014). Developments and key issues in tourism mobilities. *Annals of Tourism Research*, V.44(1), pp. 171-185.
- Kunz, J. G.; Pimentel, M. R., & Tosta, E. (2014). Mobilidades turísticas: cruzando os limites da fronteira. *Anais.. Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, Fortaleza, CE.
- Larsen, J., Urry, J., & Axhausen, K. W. (2007). Networks and tourism: mobile social life. *Annals of Tourism Research*, V.34(1), pp. 244-262.
- Lohmann, G., Fraga, C. L. & Castro, R. (2013). *Transportes e destinos turísticos: planejamento e gestão*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Prideaux, B. (1999). The role of the transport system in destination development. *Tourism Management*, V.40(1), pp. 53-63.
- Santos, M. (2002). *A natureza do espaço – técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp.
- Shaw, J. Sidaway, J. D.(2010). Making links: on (re)engaging with transport and transport geography. *Progress in Human Geography*, V.35(4), pp. 502-520.
- Sheller, M. (2011). Mobility. *Sociopedia*, s.v. (s.n.), pp. 1-12. Recuperado de <http://www.sagepub.net/isa/resources/pdf/mobility.pdf>, em 6 fev. de 2014.
- Sheller, M., & Urry, J. (2007). *Tourism mobilities: places to play, places in play*. Londres/Nova Iorque: Routledge.

Urry, J. (2002). Mobility and proximity. *Sociology*, 36(2), 255-274.

Recebido – 16 AGO 2015

Avaliado e Revisado – AGO / SET 2015

Aprovado – 04 OUT 2015